

É PRECISO DESCONSTRUIR

IT IS NECESSARY TO DECONSTRUCT

ES NECESARIO DECONSTRUIR

Bárbara Macedo¹

Resumo

Mesmo com afirmações de que não há mais preconceito e desigualdade de gênero, assistimos, diariamente, a casos de feminicídios, estupros e violência doméstica contra a mulher. Assim, o objetivo do presente trabalho é analisar tal desigualdade em nossa sociedade e de que maneiras os preconceitos são vivenciados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que considera que há uma relação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito; além disso, o estudo tem caráter bibliográfico e utiliza o método dialético, que propicia uma interpretação dinâmica e totalizante dos fatos, analisados em um contexto social, político e econômico. Além de sofrer violência física, a mulher é alvo constante de julgamento moral, em relação aos seus atos e seu corpo. Logo, para uma libertação feminina efetiva, é preciso desconstruir antigos valores e promover respeito, igualdade de condições de cargos e salários — ou seja, equidade em todas as esferas sociais.

Palavras-chave: feminismo; igualdade; gênero.

Abstract

Even with claims that there is no more prejudice and gender inequality, we see cases of femicide, rape, and domestic violence against women daily. Thus, the objective of the present work is to analyze such imbalance in our society and in what ways prejudices are experienced. It is a qualitative research that considers a relationship between the objective world and the subject's subjectivity; in addition, the study is bibliographic and uses the dialectical method, which provides a dynamic and totalizing interpretation of the facts analyzed in a social, political, and economic context. In addition to suffering physical violence, the woman is a constant target of moral judgment concerning her acts and body. Therefore, for an effective female liberation, it is necessary deconstruct old values and promote respect, equal conditions of positions, and salaries — that is, equity in all social spheres.

Keywords: feminism; equality, gender.

Resumen

Aun con afirmaciones de que ya no hay más prejuicio y desigualdad de género, vemos, diariamente, casos de feminicidios, violaciones y violencia doméstica contra la mujer. Así, el objetivo de este trabajo es analizar esa desigualdad en nuestra sociedad y de qué forma los prejuicios se manifiestan. Se trata de una investigación cualitativa que considera que existe una relación entre el mundo objetivo y la subjetividad del sujeto; además, el estudio tiene carácter bibliográfico y utiliza el método dialéctico, que permite una interpretación dinámica y totalizante de los hechos, analizados en un contexto social, político y económico. Además de sufrir violencia física, la mujer es blanco contante de juicios morales respecto a sus actos y su cuerpo. De manera que, para una liberación femenina efectiva, es necesario desconstruir antiguos valores y promover respeto, igualdad de condiciones en materia de cargos y sueldos — es decir, equidad en todos los ámbitos sociales.

¹ Possui graduação em Educação Física pela Universidade da Região de Joinville em Licenciatura e bacharelado, também formada em Pedagogia pela FIAR e UNINTER, cursando Bacharelado em Serviço Social pela UNINTER e Programa de Pós Graduação - Mestrado em Educação pela FURB com a linha de pesquisa em Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais; participa do grupo de pesquisa: Filosofia e Educação - EDUCOGITANS. Atualmente é Administradora Escolar da Rede Municipal de Ensino de Araquari. Tem experiência em diversas áreas da Educação Física como professora de Ensino Fundamental, Médio e EJA, Ginástica Laboral e Instrutora de musculação, também em Pedagogia como Administradora Escolar. E-mail: barbamacedo16@hotmail.com

Palabras-clave: feminismo; igualdad; género.

1 Introdução

Em uma sociedade que se diz igual, o que seria a igualdade? Seria ela o mesmo que equidade? Qual a diferença entre esses conceitos?

Inúmeros preconceitos implícitos em uma sociedade podem construir valores nem sempre corretos em cidadãos que se dizem de bem. Um dos principais problemas sociais é a desigualdade de gênero. Há uma falsa libertação da mulher; as amarras foram desatadas, mas ainda existe muita disparidade dentro e fora de casa. Podemos citar, como exemplo, a enorme quantidade de tarefas que a mulher executa. A tripla ou até mesmo a quádrupla jornada das mulheres, como donas de casa, mães e estudantes, as sobrecarregam e, por vezes, tais tarefas não são reconhecidas economicamente. É fulcral abordar, também, as diversas formas de agressão a que são submetidas ao longo da vida.

Muitas perguntas com poucas respostas, este é o cenário em que o feminino se encontra. Mesmo com afirmações de que não há mais preconceito e desigualdade entre gêneros, assistimos, diariamente, a casos absurdos de feminicídios, estupros (muitos deles coletivos), espancamento feminino por companheiros etc. Se a tese está correta, a retórica se contradiz, em números e fatos; observamos de perto a desigualdade, a crueldade e a falta de respeito em que as mulheres são submetidas.

Sendo assim:

A epistemologia feminista considera as teorias dominantes sobre os diversos empreendimentos humanos, incluindo aquelas sobre o conhecimento, como unidimensionais e profundamente falhas, devido à exclusão e à representação incorreta das contribuições das mulheres (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 276).

A epistemologia feminista assemelha-se aos esforços de muitos grupos oprimidos, quando reivindicam para si mesmo valor de sua própria experiência. (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 277)

O objetivo geral do trabalho é analisar a desigualdade de gênero presente em nossa sociedade e de que forma os preconceitos são vivenciados. Os objetivos específicos são: exemplificar a invisibilidade feminina diante a sociedade e ao longo dos tempos; especificar a divisão sexual na sociedade; citar fatores relevantes na formação de preconceitos; definir os tabus e as formas de violência verbal e não verbal em que o feminino se encontra; especificar as correntes feministas e suas temáticas.

2 Metodologia

Na pesquisa apresentada será utilizado o método bibliográfico dialético, que apresenta uma interpretação dinâmica e totalizante, sendo que os fatos devem ser analisados em um contexto social, político e econômico. O tipo de pesquisa será de abordagem qualitativa, que considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito; ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

3 Referencial teórico

3.1 A invisibilidade do sexo feminino

“A vida não precisa ser fácil; o que importa é que não seja vazia” (LISA MEITNER apud MAGGS, 2017, p. 12). Segundo Solnit (2017), a árvore genealógica de uma família constitui-se somente por parentes do sexo masculino; isto acontece pelo fato de apenas o sexo masculino ser considerado provedor e a mulher considerada somente uma incubadora dos filhos, realizando um “papel secundário” desta evolução.

Por muito tempo, este foi o cenário encontrado pela mulher: ela era considerada um ser secundário e o homem, primário — responsável, na maioria dos lares, pelo sustento familiar e pela principal fonte de renda; a mulher era responsável por uma renda secundária e responsável pelos afazeres domésticos. Assim, ela tomava conta dos filhos e dos anciões da família, papel não remunerado e quase escravizado. Considerar o trabalho feminino como secundário talvez seja um dos fatores para a diferença salarial entre homens e mulheres atualmente; a remuneração feminina ainda é inferior, mesmo que as mulheres ocupem cargos importantes, principalmente em empresas multinacionais.

Na sociedade masculinizada, a principal preocupação é com dinheiro, carreira, trabalho e progresso e a preocupação central no âmbito familiar é o aspecto econômico; já as mulheres cuidam mais dos maridos e dos filhos. Dessa forma, o homem parece mais importante na relação família. Cuidar é responder às necessidades particulares, concretas, físicas, espirituais intelectuais, psíquicas e emocionais do outro (JAGGAR; BORDO, 1997, p.188). A mulher, por vezes, sente-se a responsável por cuidar de tudo e todos, necessidade imposta culturalmente e normativamente.

A compulsão das mulheres no sentido de tudo curar, tudo consertar, é uma importante armadilha. Formada pelas exigências a nós impostas pelas nossas próprias culturas,

especialmente as pressões no sentido de que provemos que não estamos por aí sem fazer nada, ocupando espaço e nos divertindo, mas, sim, que temos um valor resgatável. Em algumas partes do mundo, pode-se dizer que o exigido é uma prova de que temos o valor e, portanto, deveria ser permitido que vivêssemos. Essas expressões são inseridas na nossa psique quando somos muitos jovens e incapazes de ter uma opinião sobre elas ou oferecer resistência. Elas se tornam a lei para nós, a não ser que, ou até que, as desafiamos (ESTES, 1999, p. 211).

A palavra *care* (*cuidado*) do inglês, originalmente, tem uma acepção de carga; ou seja, cuidar é assumir uma carga; assim, quando uma pessoa pretende ou precisa cuidar de outra, é difícil preocupar-se consigo. Na sociedade contemporânea, o ato de cuidar é dividido em duas instâncias: pública e privada. Na esfera pública, o cuidado é generalizado e se vincula ao imaginário masculino (por exemplo, o ato de "cuidar" das mulheres, do "sexo frágil"). No âmbito privado, fala-se em "cuidar de" e essa ideia vincula-se ao mundo feminino e ao ato de "cuidar" dos filhos.

Segundo Aristóteles, “A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades”, pois, “devemos considerar o caráter da mulher como sofrendo de certa deficiência natural”. Além de Aristóteles, São Tomás também descreve que a mulher é um homem incompleto e um ser ocasional.

“Feministas marxistas, feministas liberais, feministas culturais e feministas pós-modernas de variadas posturas. ” (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 8). As nomenclaturas e vertentes do feminismo ao longo dos tempos são inúmeras, mas o objetivo principal é um só: o empoderamento e a visibilidade da mulher na sociedade. De acordo com Lamb (2014), o feminismo ocidental é muito diferente do feminismo oriental; no oriente, a luta é para que as mulheres tenham o direito mínimo de andar nas ruas e frequentar a escola, sem o perigo de serem mortas ou chicoteadas em praça pública.

Morais (1985), relata em sua obra *Olga*, sobre a vida de Olga Benário e a invisibilidade da trajetória pessoal dela, mesmo com toda a sua luta, bravura e determinismo ideológico e partidário; Olga era simplesmente retratada como mulher de Prestes, algo secundário, sem dar muita ênfase ao seu envolvimento com a revolução comunista. No entanto, o caso de Olga não é isolado, na obra *Luta, substantivo feminino*, Vannuchi (2010) destaca a história de diversas mulheres que lutaram bravamente durante a ditadura militar e que por muito tempo foram invisibilizadas; poucas foram reconhecidas por suas causas e bravuras.

Indaga-se, então, o seguinte: *Qual é a maneira específica pela qual o feminino é representado como um objeto na maioria dos casos?* (JAGGAR; BORDO, 1997).

3.2 A divisão sexual e a sociedade

Para Solnit (2017), o casamento homossexual é uma instância mais evoluída, pois não há luta hierárquica entre os sexos; não só por serem do mesmo sexo, mas por atribuírem afazeres iguais, sendo uma verdadeira libertação, comparado ao casamento heterossexual. A citação reflete a divisão sexual no relacionamento, pois o casamento em muitos casos é visto como uma submissão feminina, com uma jornada dupla, tripla e até quádrupla da mulher — incumbida pelo bem-estar de todos e a responsabilização pela paz matrimonial. Cisne (2015) descreve em sua obra *Feminismo e consciência de classe no Brasil* que o matrimônio apenas legaliza e confirma a apropriação legal das mulheres por parte dos homens, tornando-a tutelada ao homem, como se a mesma fosse eternamente infantilizada e dependente.

“O que é uma mulher? É uma matriz?” (BEAUVOIR, 1970, p. 7). Para Beauvoir, o *tornar-se mulher* não se relaciona apenas com uma genitália (masculina ou feminina), mas, sim, com os pré-determinismos sociais em que a maioria das mulheres é exposta. Para a autora, se não há mais feminilidade hoje, é porque nunca se houve, sendo apenas imposições sociais às mulheres, através de rótulos pré-estabelecidos. Mulheres cuja exploração é fundamental para manter o *status quo*.

Os corpos femininos são considerados dóceis, nas quais as energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao aperfeiçoamento (JAGGAR; BORDO, 1997). Temos memorizado corporalmente o conceito de ligação, na qual nos fazem de maneira mais amorosa, harmoniosa, representando elos familiares e o bem-estar social, enquanto no homem se distingue a individualização, na qual o mesmo se faz onipresente, poderoso, dono de si e do mundo, não podendo render-se a ser amável e afetuoso como a mulher. As mulheres, em quase sua totalidade, estão acostumados a tais disciplinas e têm memória do seu corpo o sentimento da carência e da insuficiência (JAGGAR; BORDO, 1997).

A maioria das síndromes e histerias são atribuídas às mulheres, sinônimo de sexo frágil; o sexo feminino carrega consigo o estereótipo de inferior, de histérico, que não controla suas emoções e não saber ser racional.

Segundo Jagger e Bordo (1997), as feministas socialistas argumentam que a sexualidade e o desejo também são construções sociais e que toda a relação com o nosso corpo também é moldada por estruturas socialmente construídas, presentes em diversos contextos históricos.

As emoções não são mais básicas que a observação, a razão ou ação para construção da teoria, mas também não são menos importantes. Cada uma dessas faculdades reflete um aspecto do conhecimento humano, inseparável do outro. Assim, tomando emprestado uma famosa frase de um contexto marxista, o desenvolvimento de cada uma dessas faculdades é uma condição necessária para o desenvolvimento de todas (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 180).

A mulher é rotulada em nossa sociedade como um sujeito puramente emocional; percebe-se que a tendência epistemológica é ver a emoção como algo suspeito e até mesmo como não sendo racionalmente aceita. São reconhecidas por terem suas emoções mais abertas e, assim, consideradas mais frágeis; tal fato pode ter origem na imposição do cuidado consigo e com os outros, tanto físico quanto emocional.

As emoções humanas maduras não são nem instintivas e nem biologicamente determinadas, embora possam ter se desenvolvido a partir de respostas pré-sociais instintivas. Como tudo que é humano, as emoções são em partes socialmente construídas e como todas as construções sociais, são produtos históricos e, apresentam as marcas da sociedade que as construiu (JAGGAR; BORDO, 1997. p. 173).

3.3 Fatores de formação de preconceitos

São inúmeras as possíveis maneiras de “pré-conceitos”, pois a palavra preconceito significa pré-julgar alguém, por sua aparência, forma de agir, vestir-se, origem, entre outros.

Os indivíduos tentam definir situações e suas interpretações, mas as mesmas dependem de sua história de vida, de sua experiência social e de sua condição social dos seres situados. Assim, por exemplo, o gerente homem pode definir uma situação como simples flerte, mas sua secretária mulher pode interpretá-la como assédio sexual. Similarmente, um estudante branco homem pode definir a implementação em sua escola de um programa de ação afirmativa como discriminação inversa, mais um estudante negro homem pode interpretar a situação como uma maneira dessa escola tentar chegar a ideias igualitárias (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 214).

Percebe-se que o raciocínio moral pode abranger não apenas uma abordagem singular para a resolução de problemas e conflitos, mas um conjunto de métodos que origina princípios e condutas, justificadas por cada indivíduo e por suas vivências. Para Woolf (1929), o preconceito contra a mulher é pouco diferenciado das outras formas manifestadas, pois, geralmente quando há preconceito, há repulsa. Um exemplo é o preconceito contra afrodescendentes, porém há revolta por parte destes contra os autores de tais atos. No entanto, em relação às mulheres, não se pode afirmar que há total revolta contra seus agressores. Claro que já existiram revoltas por parte do gênero feminino, mas na maioria dos casos elas estavam ligadas a outras lutas sociais como o preconceito racial, de classe ou a própria revolução industrial.

Como cita Bourdieu (2002), as mulheres não se rebelam totalmente contra seu agressor devido à construção social imposta, às vezes julgando-a como um ser superior, quase inalcançável e outras como natureza mãe (devastadora), deixando-a a par da adultização, infantilizando-a a tal modo que tenha que ser tutelada por seu pai ou companheiro para o resto

de sua vida. Mulheres são socializadas para cuidar e amar, não havendo independências em seus atos. A dominação exercida pelo homem é praticamente um princípio simbólico dominante, como exemplo, determinando a maneira da mulher falar, o estilo de vida, maneira de pensar e de agir; a mulher vira propriedade. Na família o preconceito é simbólico; desde pequeno, o menino brinca de bola, soltar pipa e videogame com seus amigos, e um mundo de possibilidades ao seu redor; já a menina, encarrega-se de brincadeiras estereotipadas, relacionadas ao ato de cuidar e de fazer cuidar-se, como brincar de boneca, cozinhar, varrer e maquiarse, o que naturaliza tais comportamentos estereotipados.

Segundo Bourdieu (2002, p. 15), “A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável. ” As próprias cores são autodeterminantes como cita Solnit (2017); o rosa lembra a fragilidade, a infantilidade, o cuidado, afeto e carinho, já o azul lembra energia, aventura, força, enfim liberdade.

Platão, ao mesmo tempo que propunha que homens e mulheres da “classe guardiã” fossem educados de forma igualitária em sua República ideal, também afirmava que as mulheres tinham alma reciclada de homens covardes inferiores. Aristóteles, algumas décadas mais tarde, tinha o interesse primário nas mulheres como mães. As mulheres grávidas deveriam tomar conta de seus corpos, mas manter as suas mentes quietas (ARISTÓTELES, POLÍTICA, p. 538 apud JAGGAR; BORDO, 1997, p. 251).

Desde a época de Aristóteles, considerava-se a “inferioridade” dos escravos e das mulheres como algo natural, mas declarava-se que a natureza fez uma distinção entre a mulher e o escravo, criando cada coisa para seu uso singular. Para ele, o homem negro e a mulher eram como uma raça de escravos naturais de nascença, pois suas almas e mentes não tinham faculdades deliberativas; sendo assim, não poderiam ter escolha senão a entrega total ao seu superior imediato.

A mulher é mais compassiva do que um homem, ensinava Aristóteles, mas ao mesmo tempo é mais ciumenta, mais impertinente e mais inclinada a ralar e golpear, mais propensa à melancolia, sendo destituída de vergonha e outros traços desagradáveis (JAGGAR; BORDO, 1997). O racionalismo dualista de Aristóteles e de Platão é um exemplo de como o interesse dos governantes em manter o *status quo* limitam e distorcem a compreensão até dos mais profundos pensadores, naturalizando escravidões e desigualdade.

Sendo assim, o Mito da Modernidade fez – e ainda faz – com que a civilização moderna (no caso a Europa e atualmente os EUA) compreendesse a si mesmo como mais desenvolvida, superior. Essa superioridade forçou o primitivo a se desenvolver, mas, esse desenvolvimento deveria – e ainda deve – ter os padrões estabelecidos pelo europeu. É nesse processo que a violência contra o primitivo surge e parece ser

justificada como uma salvação para esse primitivo. No entanto, esse processo acaba criando vítimas: o índio, o africano, a mulher, o meio ambiente. Por fim, esse caráter civilizador da modernidade interpreta os sacrifícios como inevitáveis. A barbárie, a selvageria, a fraqueza, etc., são justificáveis (LAMAR; VICENTINI, 2019, p. 68).

3.4 Formas de violência

A virilidade, como postula Bourdieu (2002), tem seu aspecto ético. É uma questão de honra para os homens; mantém-se ligada à habilidade física, através de, por exemplo, potência sexual. Um bom exemplo de demonstração de virilidade é o estupro, em que o homem se mostra viril e onipresente e a mulher passiva, frágil e infantil. O sexo masculino, durante um estupro, desqualifica a mulher, deixando-a sem defesa e submetendo-a à dominação.

O tema do estupro, por exemplo, quase nunca é tratado do ponto de vista da vítima, nem tão pouco do ponto de vista da angústia de uma mulher obrigada a servir sexualmente ou do sofrimento de uma mulher aprisionada sexual e emocionalmente por seu próprio senso interno de desamparo (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 90).

O mesmo ocorre com a agressão física, em que o homem se sobrepõe sobre a mulher como sexo superior, em força e virilidade, com o intuito de demonstrar a fraqueza física feminina. “A mulher tem sido associada com a natureza, aquela que deve ser subjugada, dominada, lavrada ou foi utilizada por meio do poder físico, da tecnologia ou da potência sexual masculina.” (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 88). Além das agressões físicas a que são acometidas, também há agressões verbais e psicológicas, em que são reprimidas, ameaçadas, subestimadas; ademais, elas têm o seu potencial reduzido e a autoestima diminuída, pois: “quando uma vida é excessivamente controlada, cada vez há menos vida a controlar”. (ESTES, 1999, p. 115). Galke, (1988 apud JAGGAR; BORDO, 1997) descreve que: “Este é o nosso corpo: sábio, poderoso, perigoso, apaixonado, divino. Através da atuação enquanto corpo e não por sua anulação, a mulher é capaz de experiências transcendentess”.

3.5 A dupla, tripla ou até quádrupla jornada da mulher perante a sociedade e as correntes feministas

A mulher, atualmente, tem tantos afazeres que não consegue lidar com todas as circunstâncias do seu dia a dia, pois entende-se como elo de ligação, conforme anteriormente descrito. Assim, a mulher está em constante estado de alerta e níveis de estresse elevados. Na maioria dos lares, a responsabilidade dos filhos acaba sendo sua, mesmo quando ambos (marido e mulher) trabalham; ela se obriga a cuidar do (s) filho (s), ter uma renda fixa, pois na contemporaneidade a mulher é vista como usurpadora caso não possua sua própria renda, não

que trabalhar fora de casa seja um fator negativo para a mulher, mas o trabalho interno (da casa) ainda é sua responsabilidade.

Além dos itens supracitados, o sexo feminino ainda enfrenta a ditadura da beleza, em que padrões sociais são determinados; por vezes, diversas síndromes são desenvolvidas por tais cobranças, como, por exemplo: anorexia, bulimia e síndrome do pânico (JAGGAR; BORDO, 1997).

A emancipação da mulher não pode ser vista como algo negativo; a classe lutou muito para ser reconhecida e conseguir sua independência em diversos âmbitos; contudo, a independência veio com uma carga muito grande. Como já citado, a dupla, tripla ou até mesmo a quádrupla jornada (casa, filhos, estudo e trabalho) traz diversos transtornos, as quais sempre foram tratadas como histeria. Tal doença era relacionada somente às mulheres, por ser considerada uma alteração nervosa referente ao sexo frágil, à falta de racionalidade e à aproximação da animalidade em que as mulheres se encontram (JAGGAR; BORDO, 1997).

Tal animalidade é citada desde os tempos de Aristóteles, em que julgava a mulher como um ser totalmente passional, sem poder de decisão, chegando a ficar mais perto dos animais do que da própria humanidade; ademais, São Tomás de Aquino e Nietzsche trataram o sexo feminino como desprovido da razão, formadas somente pelos impulsos e pela emoção. Segundo Jaggar e Bordo (1997), o feminismo tenta entender e explicar o porquê as mulheres são representadas mais próximas da natureza do que o homem. A primeira “onda feminista” que tenta explicar tal fato foi o Feminismo Liberal, em que houve a tentativa de liberação da dominação da natureza sobre a mulher, sustentando que ninguém é naturalmente destinada a exercer domínio sobre outra pessoa nem homens e nem mulheres. Este conjunto era formado por mulheres de classe média e brancas, mais preocupadas com a extensão do poder e privilégios masculinos sobre a sua própria classe do que com o restante das mulheres. Elas se consideram ambientalistas ao invés de ecologistas, significando que os ambientalistas têm uma visão mais antropocêntrica da natureza, visando que a mesma unicamente existe para servir aos propósitos da humanidade.

Outra vertente é o feminismo radical:

Como descreve: As feministas radicais acreditam que a subordinação das mulheres na sociedade está na raiz da opressão humana intimamente ligada a associação das mulheres com a natureza daí surge a palavra radical, elas localizam a opressão das mulheres na própria diferença biológica e consideram que o patriarcado, ou seja, a dominância sistemática dos homens na sociedade, precede e fornece os fundamentos para outras formas de opressão e exploração humana (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 133).

Dentro do feminismo radical, existem duas vertentes que se diferem: a do feminismo radical cultural, que defende as vantagens da identificação da mulher com a natureza e celebra essa ligação natureza x mulher; a outra vertente são as feministas radicais racionalistas, que adotam a posição de repudiar esta ligação, sendo que a liberdade está em se libertar do reino primordial das mulheres e da natureza que consideram seu um aprisionamento. Beauvoir (1970), em seu livro *O segundo sexo*, também reitera essa posição de feministas radicais, na qual a mulher é subjugada e fica mais próxima da natureza por ser de fácil dominação, enquanto o homem é possuidor da virilidade e detentor do poder. Já o feminismo cultural, origina-se do feminismo radical, enfatizando as diferenças ao invés das similaridades entre homens e mulheres e celebram a experiência de vida do gueto feminino que vem como fonte de liberdade e libertação feminina, ao invés da subordinação. As feministas culturais afirmam, segundo Virginia Woolf, que não desejam ingressar no mundo masculino com sua procissão de profissões (JAGGAR; BORDO, 1997). O feminismo socialista é um tipo de feminismo considerado híbrido, uma tentativa de síntese do feminismo racionalista radical liberal e do materialismo histórico da tradição marxista. Tanto o Marxismo quanto o feminismo racionalista são a favor da dominação da natureza. Sendo que a teoria feminista socialista acredita que exista um corpo reprodutor socialmente construído em um discurso público, e ambos visam a liberdade reprodutiva.

Uma das correntes mais atuais é o Ecofeminismo, que procura desenvolver um pensamento autenticamente ético, em que o intuito é reconciliar a humanidade com a natureza. O Ecofeminismo é um feminismo ecológico e social. Assim, a mulher corporificada como agente histórico e social e não como produto da lei natural é o objeto do Ecofeminismo (JAGGAR; BORDO, 1997). No Ecofeminismo, a mulher é parte da natureza, mas não significa que ela seja entre si intrinsecamente boa ou má, livre ou não livre, não tendo nenhuma ordem natural representando a sua liberdade, pois, como ser humano essa liberdade deve ser criada. É o momento em que nós mulheres nos reconhecemos como agentes da história e até mesmo, agentes singulares, e sabiamente construímos pontes para ligar os clássicos do dualismo entre o espírito e matéria, arte e política (JAGGAR; BORDO, 1997, p. 148). Um bom exemplo do Ecofeminismo é visível na obra *Mulheres que correm com os Lobos*, no trecho a seguir:

A mulher tem que se afastar, ficar sozinha examinar, para início de conversa, como ficou presa a um arquétipo. É preciso resgatar e desenvolver um instinto selvagem básico que determina os limites, “só até aqui e nenhum passo a mais, só esse tanto e nada mais”. É assim que a mulher se mantém nordestada. É preferível voltar ao lar por algum tempo, mesmo que isso evite os outros, em vez de ficar para se deteriorar e acabar indo embora rastejando, em frangalhos (ESTES, 1999, p. 211).

4 Conclusão

Diante das constatações bibliográficas expostas, constata-se que existe a falsa libertação da mulher pela sociedade e que ela está implicada em uma dupla, tripla ou até mesmo quádrupla jornada, como dona de casa, mãe, estudante; tais jornadas ainda não são reconhecidas economicamente e com condições igualitárias de trabalho.

A mulher ainda é alvo de feminicídios, violência doméstica, estupros coletivos e individuais, além de constante julgamento moral e questionamento de condutas, perante os seus atos e sobre o seu corpo. É preciso libertação, desconstrução de valores que são inverdades; é preciso lutar para a perpetuação do respeito, da igualdade de condições de cargos e salários e da equidade social como um todo.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Paris, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.
- ESTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Arcos do tempo, 1999.
- JAGGAR, Alison M; BORDO, Susan R. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- LAMB, Christina. **Eu sou Malala**. São Paulo: Companhia especial das letras, 2014.
- MAGGS, Sam. **Wonder Women**. São Paulo: Primavera Editorial, 2017.
- MERLINO, T.; OJEDA, I. (org.). **Direito à memória e à verdade**: Luta, substantivo feminino. São Paulo: Caros Amigos; Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, 2010.
- MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.
- SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Saraiva, 2017.
- VICENTINI, Taiani. **A epistemologia da produção de teses de doutorado e dissertações de mestrado sobre educação comparada do brasil e da argentina com ênfase em reformas educacionais**: uma abordagem a partir da teoria decolonial. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade regional de Blumenau, Programa de Pós-Graduação em Educação, Blumenau, 2019.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Saraiva, 1929.